



SEÇÃO: ARTIGOS

O tempo do outro em perspectiva dialógica: horizontalidade vs. hierarquia socioeconômica no debate público-privado

The time of the other from a dialogical perspective: horizontality vs. socio-economic hierarchy in public-private debate

El tiempo del otro en perspectiva dialógica: horizontalidad versus jerarquía socioeconómica en el debate público-privado

Paulo Delgado¹

orcid.org/0000-0001-6078-2786
paulo.delgado@usp.br

Vanessa Fonseca

Barbosa²

orcid.org/0000-0003-2901-015X
vanessafonbar@usp.br

Yuri Andrei Batista

Santos³

orcid.org/0000-0002-3805-0586
batista.yuriandrei@gmail.com

Recebido em: 10 jan. 2022.

Aprovado em: 10 jan. 2022.

Publicado em: 20 abr. 2022.

Resumo: Este artigo investiga como aspectos extraverbais implicam na assimetria de turnos em dinâmicas de interação discursiva, revelando como a linguagem e seus usos demarcam as hierarquias na estrutura social. Para isso, analisou-se uma conversa a respeito do entrave entre os âmbitos público-privado (Teatro Oficina) a partir do entrecruzamento da análise de textos orais, proposta pelo Projeto da Norma Urbana Linguística Culta, e de princípios da Análise Dialógica do Discurso (ADD). Amparando-se especialmente nas noções de turno conversacional e de orientação social do enunciado, as considerações feitas observam que a condução de conflito de interesses no contexto democrático é permeada pelo peso da hierarquia socioeconômica na distribuição de turnos de fala, o que levanta questionamentos sobre a relação entre o poder aquisitivo e o direito à palavra.

Palavras-chave: Turno conversacional. Assimetria. Teoria dialógica do discurso.

Abstract: This paper investigates how extraverbal aspects imply asymmetry in speech turn-taking in discursive interaction's dynamics, shedding light on ways the use of language can establish hierarchy in the social fabric. In order to do so, it analyses a conversation regarding a public-private deadlock (Teatro Oficina) through the interweaving of two approaches: the oral text analysis, as proposed by Projeto da Norma Urbana Linguística Culta, and principles of the Dialogic Discourse Analysis. Especially supported by the notion of speech turn-taking and the social orientation of the utterance, the study finds that the distribution of speech turns can be subject to the importance of socio-economic hierarchy when it comes to the way conflicts of interests are dealt with even in a democratic environment, which raises questions about the correlation between purchasing power and the right to speak.

Keywords: Speech turn. Asymmetry. Dialogical discourse theory.

Resumen: Este artículo expone la investigación sobre como aspectos extraverbales conllevan asimetría de turnos de conversación en dinámicas de interacción discursiva, revelando como el lenguaje y sus usos demarcan jerarquía en la estructura social. Para ello, se analizó la conversación sobre un impase público-privado (Teatro Oficina) desde un cruce entre el análisis de textos orales, como propone el Projeto da Norma Urbana Linguística Culta, y principios del Análisis Dialógico del Discurso (ADD). Apoyado, especialmente, en los conceptos de turno de conversación y orientación social del enunciado, el presente estudio considera que la distribución de turnos de conversación puede estar sujeta a la fuerza de la jerarquía socioeconómica cuando observada la conducción de conflictos de



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.

² Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.

³ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil; Université de Paris (UP), Faculté Société et Humanité, Paris, Île-de-France, França.

intereses, incluso en un contexto democrático – lo que suscita cuestiones sobre la relación entre poder adquisitivo y el derecho a la palabra.

Palabras clave: Turno de conversación. Asimetría. Teoría dialógica del discurso.

Introdução

A maneira como nos dirigimos a uma autoridade é distinta da maneira como o fazemos a um irmão, a um par ou a um subalterno. O destinatário presumido no endereçamento discursivo influencia diretamente a construção do processo interacional, bem como outros fatores que demarcam o caráter situacional da produção discursiva em acepção dialógica (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], 2019 [1930]). Isso nos permite dizer também que a simetria na interação está intimamente relacionada com os aspectos sociais que constituem tanto o contexto imediato de comunicação, como o contexto mais amplo em que igualmente estão situados os interlocutores de dada situação comunicativa.

Tais considerações possibilitam-nos aproximar pressupostos bakhtinianos – advindos de escritos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin e por Valentin Volóchinov⁴ – de princípios epistemológicos envoltos na definição de turno conversacional, tal como apresentada por Galembek (2003), e de postulados sobre relações de (as)simetria nos turnos de fala (FÁVERO *et al.*, 1999). O diálogo entre as diferentes perspectivas mencionadas pode-se dar, a nosso ver, sobretudo no que diz respeito à influência de fatores extraverbais, originados na estrutura social, bem como às implicações sociais envoltas no funcionamento, na distribuição e na organização hierárquica de uma conversa, oferecendo-nos caminhos de análise que podem ser projetados sobre diversas situações de interação, conforme demonstraremos no decorrer deste trabalho.

Assim, ao considerarmos o “[...] estudo das formas de participação de cada interlocutor (turnos) e dos procedimentos pelos quais ocorre a troca de falantes” (GALEMBECK, 2003, p. 66) em uma

situação de interação específica, observamos como certos fenômenos conversacionais (assimetria, assaltos e monopólio de turnos de fala) se manifestam e tecem múltiplos sentidos em uma conversa entre pares. Para tanto, voltamo-nos a marcas linguísticas e a aspectos extraverbais envolvidos na conversa, que nos permitiram tratar das tensões discursivas instauradas, observando posicionamentos, ideologias e valores presentes nos laços das relações sociais refletidos e refratados na situação de interação em foco.

Desse modo, a partir dos pressupostos mencionados, no presente artigo, analisamos uma conversa, ocorrida no ano de 2017, entre Silvio Santos, empresário e apresentador de televisão, e José Celso Martinez Corrêa (Zé Celso), ator e diretor teatral renomado, ambos acompanhados de comitivas (VOU..., 2017). Voltamo-nos mais especificamente à análise da orientação social do enunciado e às suas reverberações nas dinâmicas conversacionais, especialmente no que diz respeito ao predomínio (tempo de turno) e ao atravessamento dos turnos, relacionando-os aos aspectos extraverbais existentes entre os interlocutores. Além disso, fizemos também uma análise da minutagem dos monopólios e da sobreposição dos turnos de fala para que pudéssemos desenvolver o objetivo proposto por esta pesquisa.

O encontro que subsidia nossa análise foi mediado pelo prefeito da cidade de São Paulo à época, João Dória, e acompanhado pelo então vereador municipal Eduardo Suplicy. A presença dos representantes políticos neste caso justificou-se em razão de o assunto tratado ser de interesse popular, tendo sido objeto de disputas e processos jurídicos devido ao conflito de interesses nos planos estabelecidos para o terreno do Grupo Silvio Santos (GSS), local em que hoje há o *Teatro Oficina Uzyna Uzona*, coordenado por Zé Celso e gerido atualmente pelo Estado de São Paulo.

A relevância deste estudo se dá, primeiramente, porque nos possibilita o estabelecimento

⁴ Não desconhecemos a importância do trabalho de Pavel Medviédev (2012 [1928]) na constituição da abordagem dialógica do discurso. Contudo, tendo em vista a delimitação do objetivo deste trabalho e do limite de páginas para esse fim, optamos por recortes de alguns textos de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov.

de reflexões interdisciplinares, que colocam em diálogo noções desenvolvidas pela Análise Dialógica de Discurso (ADD) e por preceitos advindos dos estudos sobre a análise da conversação. Isso nos permite demonstrar o jogo de múltiplos e até contraditórios valores e sentidos que podem emergir em uma conversa face a face.

Em segundo lugar, entendemos que a compreensão dessas relações se mostra especialmente pertinente aos estudos da linguagem, uma vez que são abordadas nesse trabalho dinâmicas conversacionais da esfera pública em ambiente democrático, contexto em que, teoricamente, a garantia da horizontalidade e do respeito à participação equânime são condições basilares para o estabelecimento de diálogos essenciais à manutenção do sistema político. Nesse sentido, perguntamo-nos ainda de quais formas a estrutura conversacional pode, a partir da influência de elementos extraverbais, comprometer o exercício democrático e o direito à participação social digna, a despeito de qualquer diferença sócio-histórico-cultural mantida em dada sociedade.

A fim de melhor apresentar o estudo realizado, este artigo, além desta introdução constitui-se por outras quatro seções. Na primeira, "Perspectiva dialógica e(m) Turno conversacional", trazemos as definições dos conceitos e fenômenos supracitados, apoiando-se nas teorias da análise dialógica do discurso e em formulações de autores do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (NURC) para a análise de situações de conversação. Na seção "Metodologia: diálogos para a ampliação de possibilidades de abordagem do texto oral", apresentamos e justificamos os procedimentos utilizados na análise, detalhando pontos de contato entre os aportes teóricos; em seguida, na seção "O tempo do outro na interação discursiva", contextualizamos o objeto e desenvolvemos a análise do *corpus* selecionado, estabelecendo relações entre aspectos extraverbais constitutivos da situação interacional em questão. Nessa parte também tratamos da minutagem dos tempos e das sobreposições de fala, pontuando ocorrências especialmente relevantes de tais fenômenos à análise apresentada. Na última seção do traba-

lho, estão as "Considerações finais" que reúnem reflexões à luz do objeto em questão e apontam possíveis caminhos de ampliação deste estudo.

1 Perspectiva dialógica e(m) Turno conversacional

Nossa percepção sobre o discurso se relaciona com "a língua em sua integridade concreta e viva" (BAKHTIN, 2015 [1963], p. 207), tal como proposto por Bakhtin ao definir a abordagem de estudo da metalinguística. Este campo de estudo da linguagem se peculiariza, nessa leitura, por apresentar um olhar que a contempla considerando não somente seu acabamento verbal, mas também os elementos extraverbais que lhe são constitutivos.

Dessa forma, na compreensão da ADD, para além da parte verbal, todo enunciado, enquanto concretização do uso em linguagem, é naturalmente dimensionado por condições como o tempo, o espaço, as ideologias, as hierarquias sociais etc., que marcam a cultura e a história de seus falantes. Elementos esses subentendidos que compõem o arranjo da situação de interação discursiva e que permitem, doravante, a compreensão do enunciado concreto.

O teor ativo e responsável do ser-evento, conforme discutido por Bakhtin (2010 [1920-1924]) em torno do *ato ético* ressalta, quanto ao existir, suas feições moral e ética, sempre em um vínculo condicional ao outro, externo e alheio. Essa compreensão de ato ético permite o reconhecimento da participação singular do sujeito no plano real e concreto da linguagem, plano este em que o sujeito não pode se isentar, posto que "[...] eu também sou participante no existir de modo singular e irrepitível, e eu ocupo no existir singular um lugar único, irrepitível, insubstituível e impenetrável da parte do outro" (BAKHTIN, 2010 [1920-1924], p. 97). A constituição dos sujeitos da e na linguagem, tomados nessa perspectiva, está sempre em movimento, uma vez que nos colocamos como indivíduos no mundo a partir da concretude da linguagem, considerada aqui também por sua feição valorativa, emocional e volitiva.

Sendo assim, o ser da linguagem que se faz real e presente por meio do ato não pode fazê-lo de maneira velada ou despretensiosa, ou seja, mesmo a aparente neutralidade envolta, por exemplo, em um ato de ficar em silêncio já carrega em si um posicionamento, tal como a indecisão é também uma decisão, já que “Eu, como único eu, não posso nem sequer por um momento não ser participante da vida real, inevitável e necessariamente singular” (BAKHTIN, 2010 [1920-1924], p. 98). Existe, portanto, nessa assertiva uma relação de que existir incorre necessariamente na ocupação de lugares que representam e identificam nossos posicionamentos na concretude da vida. Em outras palavras, existir implica um contínuo movimento que envolve avaliar, posicionar-se, valorar.

Nesse interim, cabe destacar também que a existência não se faz amplamente no entorno do eu, de uma consciência plenamente individual, posto que nossa vivência é social por excelência, ela se dá sempre na relação com o(s) outro(s). Há então de se considerar um horizonte axiológico externo frente ao qual todo sujeito age e se percebe como tal, uma vez que “Ser significa *conviver*. [...] Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha o *outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*” (BAKHTIN, 2011, p. 341, grifo do autor).

Dessa maneira, enquanto seres sociais singulares, os interlocutores, partindo de seus lugares únicos, movem-se a partir da existência de um *dever-ser* que norteia os juízos valorativos, construídos no chão da interação socialmente discursiva. O ato, condição da realização do sujeito no mundo em que este se insere, é processado de maneira coparticipativa e não considera somente o *eu-para-mim*, mas tem como prerrogativa de funcionamento também o *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim* (BAKHTIN, 2010 [1920-1924]). O desenrolar em torno do conceito de ato ético, tal como desenvolvido no trabalho de Bakhtin, permite-nos observar como o sujeito, na singularidade e circunstancialidade de sua posição axiológica, ativamente responde no todo do plano real con-

creto pelas diferentes formas com que existe por meio da e na linguagem.

Ao encontro dessas considerações, destacamos também a compreensão de Volóchinov ([1929] 2018, [1930] 2019) sobre a *interação discursiva*, que vê o enunciado como um instante no fluxo da comunicação, uma unidade do discurso que deve ser relacionada às suas partes verbais e extraverbais para ser compreendida. Nas palavras do autor: “De fato, não importa qual enunciado considerarmos: ainda que ele não represente uma mensagem objetiva [...], concluiremos que sua orientação é estreitamente social” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 206). Profundamente imbricada nesse raciocínio, a orientação social do enunciado pensa, então, a influência das relações sociais e hierárquicas existentes entre quem participa do enunciado (auditório) sobre a formulação deste (junto com a situação, isto é, o local, momento, assunto etc.), o que ocorre nos âmbitos verbal e extraverbal, posto que “Além da parte *verbal* expressa, todo enunciado cotidiano consiste de uma parte não expressa, porém subentendida e *extraverbal* (situação e auditório), sem a qual não é possível compreender o próprio enunciado” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 269, grifo do autor).

Volóchinov (2019 [1930]), portanto, semelhantemente ao que pontuamos em Bakhtin, também discute a posição daquele alheio e externo, finalidade do processo interacional, a quem é direcionado o enunciado. Pela delimitação conceitual do auditório social, todo e qualquer enunciado pressupõe e se orienta de acordo às condições de um certo destinatário, o que vem a ser expresso nas características da situação de interação, na escolha e na disposição das palavras ou mesmo na expressividade que dá valoração às palavras, a entonação expressiva (VOLÓCHINOV, 2019 [1930]). A esse ponto, também fica exposta a bilateralidade da palavra, sua dupla determinação: a influência daquele que fala e a influência daquele a quem se fala. Nas palavras do autor: “A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em essência, *a palavra é bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto

por aquele *para quem se dirige*" (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 205, grifo do autor).

Essa compreensão essencialmente social dos indivíduos e das situações em que a linguagem emerge pode ser associada a pressupostos de estudos situados no âmbito da análise conversacional, tal como abordaremos na sequência. Observemos, nesse sentido, a discussão que subsidia um capítulo da obra *Análise de textos orais*, em torno do conceito de *turno conversacional*, o qual engloba:

[...] *qualquer intervenção dos interlocutores* (participantes do diálogo), [...] tanto aquelas que possuem valor referencial ou informativo [...] como aquelas intervenções breves, sinais de que um dos interlocutores está "seguindo" ou "acompanhando" as palavras de seu parceiro conversacional (GALEMBECK, 2003, p. 71, grifo nosso).

Vemos, assim, que o turno conversacional considera também importante os tipos de relações que se estabelecem entre os interlocutores e que demonstram sua participação ativa no diálogo. Por meio da definição de turno, o autor postula, ainda, dois diferentes tipos de intervenção: quanto ao primeiro, ele diz que se refere àquele "[...] que possui valor referencial nitido ou veicula informações", intitulado *turno nuclear* (GALEMBECK, 2003, p. 70); e ao segundo tipo, aquele que "não tem um caráter referencial, ou seja, não desenvolve o tópico (assunto) da conversação", definido como *turno inserido* (GALEMBECK, 2003, p. 71). Ao partirmos desses conceitos e estabelecermos uma relação com a compreensão de interação dialógica, advinda dos pressupostos da Análise Dialógica de Discurso, podemos afirmar que, para melhor compreendermos como se configura o processo de alternância de turnos (nucleares e/ou inseridos), também é importante observarmos os não ditos, os elementos extraverbais que estão implicados nos procedimentos de gestão dos turnos conversacionais: passagem, assalto e sustentação.

Galembek (2003) reconhece que a passagem

de turno ocorre em *lugares relevantes de transição (LRTs)*, nos quais o ouvinte percebe que chegou seu momento de tomar o desenvolvimento do tópico discursivo.⁵ Essa passagem pode se dar implícita ou explicitamente, de acordo com o autor, sempre com entoações interrogativas, sendo solicitada com perguntas diretas ou com marcações que confirmam o acompanhamento do interlocutor; ou ainda pode ser consentida, quando este toma o tópico após uma pausa que indica a conclusão do turno de seu parceiro da comunicação.

Já o assalto ao turno ocorre *fora de um LRT*, através da invasão do turno do interlocutor, representando "violação do princípio básico da conversação, conforme o qual apenas um dos interlocutores deve falar por vez" (GALEMBECK, 2003, p. 87). Isto acontece com ou sem "deixas" – brechas, hesitações marcadas por pausas, alongamentos e/ou repetições – sendo frequentemente acompanhado de sobreposição de vozes (especialmente quando não há deixa), o que reflete a compreensão tácita de que o assalto deve ser evitado.

Esses princípios epistemológicos demonstram que a disputa pela sustentação do turno conversacional é característica do texto falado, uma vez que este é planejado enquanto está a acontecer, o que propicia a ocorrência de brechas e pausas que, mesmo que não seja o propósito do locutor em um momento específico da conversa, podem dar espaço para que o interlocutor tome a palavra. Contudo, a fim de inibir assaltos a turno e de garantir que o discurso seja produzido na integridade, o interlocutor dispõe de mecanismos de sustentação de turno, tais como marcadores de aprovação, repetições, alongamentos e elevação da voz (GALEMBECK, 2003). Note-se que apenas o último destes elementos (aumento no tom da voz) não é compartilhado com procedimentos de mudança de turno, seja de passagem deste ou de assalto. Ainda que essa última observação possa soar paradoxal, cabe lembrar que pedidos de passagem de turno não precisam ser con-

⁵ Ainda que o conceito de tópico não seja abordado detidamente no presente trabalho, cabe pontuá-lo brevemente como aquilo sobre o que se fala, "uma questão de conteúdo, estando na dependência de um processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional", os quais cooperam na construção, ainda que parcialmente, de alguns objetivos (FÁVERO, 2003, p. 45-46).

sentidos e que existem aspectos extraverbiais permeando a comunicação. Aspectos estes que são demasiadamente importantes no jogo de sentidos que se dá nas trocas dialogais existentes, conforme demonstraremos na análise do objeto apresentada neste trabalho.

Assim, a partir desses conceitos de turno conversacional, sustentação, sobreposição e assalto de turnos, encontramos espaço na discussão deste estudo para tratar também das relações de *simetria* e *assimetria* na construção da conversação. Conforme Fávero *et al.* (1999), se considerarmos a equidade no direito e no acesso à palavra, no interim da conversação, por parte de todos os interactantes, é possível apontar uma relação de *simetria* na conversação. Essa simetria reverbera, sobretudo, na maneira com que os participantes conseguem efetivamente contribuir no direcionamento do tópico discursivo estabelecido na interação em curso. Já em uma relação de *assimetria* na conversação, existe um predomínio no uso da palavra por parte de algum ou alguns dos envolvidos, que acaba por definir as direções da interação, potencialmente iniciando, direcionando consideravelmente o tópico discursivo e/ou marcando o encerramento da troca comunicativa.

Somando essas considerações a uma perspectiva que pensa o enunciado concreto e que considera a relevância do gênero discursivo⁶ ao qual ele pertence, podemos afirmar que as relações de simetria ou assimetria em uma troca dialogal tendem a sinalizar condições que "privilegiam" a fala de determinados sujeitos, a partir dos papéis sociais que eles desempenham em um dado grupo social. Por isso, torna-se importante contemplarmos, em nosso estudo, não apenas o que está verbalmente posto no diálogo, mas também sua intrínseca parte extraverbal.

Se pensarmos na esfera educacional, no contexto de uma sala de aula, por exemplo, perceberemos que a fala do professor tende a ter um espaço privilegiado nesse âmbito, sendo comum, portanto, o fato de que é o docente que orienta o

fluxo interacional, ele é quem comumente introduz e altera os tópicos discursivos que perpassam os encontros com os estudantes (seus interlocutores presumidos) e até mesmo determina o encerramento da comunicação. Já se focalizarmos em outra esfera da comunicação e pensarmos, por exemplo, em um debate político, esperaremos dos debatedores a predominância de uma relação de simetria, capaz de garantir a horizontalidade na distribuição da palavra a cada participante do diálogo, como um gesto sinalizador de respeito equânime a todos os envolvidos, traço inerente ao caráter democrático constitutivo da esfera do discurso político. Na esfera política, normalmente, a condução dos tópicos discursivos é potencialmente feita por uma figura que arbitra o fluxo interacional e que garante a harmonia na participação dos envolvidos (configurando uma espécie de mediação).

No entanto, se observarmos os enunciados trocados nesse âmbito, considerando também seus elementos extraverbiais, veremos que, em alguns casos, a sobreposição de turnos ou mesmo o assalto ao turno, por parte de algum dos participantes de um debate político, pode sinalizar uma relação assimétrica que indica, inclusive, quando o fluxo da interação foge aos princípios característicos do gênero em que se desenvolve a troca comunicativa. Essas questões são de extrema relevância ao estudo que desenvolvemos nesta pesquisa, tal como será demonstrado. Antes disso, contudo, tratamos brevemente, a seguir, de explicitar os princípios metodológicos que nortearam as análises em torno do enunciado concreto em foco.

2 Metodologia: diálogos para a ampliação de possibilidades de abordagem do texto oral

A escolha da metodologia que subsidia este trabalho se deu pela singular possibilidade de análise proporcionada com o entrecruzamento de pressupostos advindos dos estudos de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, colocados em relação de diálogo com conceitos desenvolvidos por

⁶ Determinado uso para a linguagem está diretamente ligado a um tipo relativamente fixo de enunciado a depender das esferas e campos em que se dá a atividade humana. Essa organização linear e – em partes – estável entre os enunciados concretos é definida por Bakhtin (2016 [1950-1952]) como gêneros do discurso.

autores do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (NURC). Enquanto os autores russos nos oferecem reflexões que permitem explorar as dimensões sociais da análise do discurso, estabelecendo relações com fenômenos da língua concreta, os trabalhos de Galembek (2003) e Fávero *et al.* (1999) esmiúçam fenômenos conversacionais, trazendo-os para o horizonte da análise linguística, tal como discorreremos na seção anterior.

Assim, ao considerarmos a premissa de que "a língua vive e se forma historicamente justo aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes" (VOLÓCHINOV, 2018 [1929]), partimos da orientação metodológica tal como foi proposta pelo autor russo, ao nos sugerir que o estudo da linguagem se dê contemplando tais elementos na seguinte ordem:

- 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 220).

Como vemos, o autor está salientando, em primeiro plano, a intrínseca relação existente entre as interações humanas e os contextos em que elas ocorrem, pois, nessa perspectiva, "toda forma de linguagem (verbal e não verbal) deve ser observada em sua concretude inseparável do seu contexto sócio-histórico, o que nos permite associá-la à esfera de comunicação discursiva a partir da qual os discursos são produzidos" (BARBOSA; DI FANTI, 2020, p. 197). Em segundo lugar, estão os gêneros discursivos em íntima relação com os valores ideológicos que permeiam e constituem o múltiplo universo das palavras. Ambas as orientações se complementam e destacam os gêneros como "[...] uma das instâncias indispensáveis de análise, que, em sua dinamicidade e heterogeneidade, estão ligados organicamente com a interação social e com as ideologias, das quais são parte fundante" (BARBOSA; DI FANTI, 2020, p. 197).

O terceiro elemento, o qual também se man-

tém em uma relação orgânica com os demais, diz respeito à revisão das formas da língua tratadas no(s) enunciado(s) concreto(s) em que se situam. Em outras palavras, devemos compreender essa orientação a partir da língua em uso, na fluída comunicação discursiva: "Por isso, a análise será do enunciado, considerando, dentre outros aspectos, a dialética do signo ideológico, a pluralidade de vozes, as posições axiológicas" (BARBOSA; DI FANTI, 2020, p. 198). Bakhtin (2010 [1920-1924], p. 129) elegeu o ser humano concreto como o centro valorativo do mundo da visão estética, mostrando que, nesse caso, "[...] não vale a distinção entre forma e conteúdo, já que o princípio tanto da forma quanto do conteúdo da visão na sua unidade e interpenetração é um ser humano". Portanto, sob o prisma dos conceitos bakhtinianos, forma e conteúdo se entrelaçam e são indispensáveis à compreensão dos discursos que emergem em situações reais de fala.

Logo, uma vez que a metodologia, tal como proposta por Bakhtin e Volóchinov, opera um caminho dialético e, portanto, construído ao longo do percurso científico, costurá-la às conceituações do NURC mostrou-se um procedimento muito relevante ao nosso trabalho, tal como será possível demonstrar ao leitor com a análise da interação em foco disposta na próxima seção deste texto. Entendemos que esse diálogo entre ambas as perspectivas científicas propicia a ampliação das possibilidades de abordagem do texto oral, permitindo-nos enxergar e tratar também do peso hierárquico que há nas questões extraverbais que lhe constituem.

A fim de enriquecer a análise realizada, soma-se a essa abordagem, um levantamento quantitativo dos tempos dos turnos de fala dos interlocutores. Dessa forma, foram calculadas as quantidades de segundos em que cada interlocutor: a) desenvolveu individualmente seu turno, tendo este sido respeitado pelos demais interlocutores; e b) disputou turno, ocorrendo sobreposições de interlocuções. A partir desses dados, foi possível tabularmos a porcentagem do tempo em que cada interlocutor dominou a conversa, assim como perceber diferenças entre os interlocutores, ao se envolverem em disputas e assaltos a turno.

Com base nesses parâmetros, em primeiro plano, na sequência, descrevemos o contexto situacional em que se dá a troca conversacional analisada; em um segundo momento, observamos também as condições do enunciado concreto em que se (trans)formam as trocas conversacionais selecionadas, considerando aspectos ainda da estrutura da conversação estabelecida; e, por fim, analisamos, a partir de elementos advindos da materialidade linguística, a maneira com que o contexto extraverbal influencia a construção do discurso verbal.

3 O tempo do outro na interação discursiva: turno conversacional na teia dialógica dos sentidos

O Teatro Oficina, localizado na cidade de São Paulo/SP, Brasil, foi tombado em 1983 pelo Condephaat⁷ e, em 2010, pelo patrimônio histórico nas três esferas (municipal, estadual e federal). Isso se opõe ao desejo do Grupo Silvio Santos (GSS) de erguer prédios de até 100 metros de altura no

local, o que comprometeria o funcionamento do Teatro. Além disso, atualmente, tramita um projeto de criação do Parque Bixiga, área verde ao redor do teatro, um plano que vai contra as intenções de especulação imobiliária e de gentrificação propiciadas pela construção de torres na região.

Cabe explicarmos que o *corpus* analisado neste trabalho foi produzido em um momento anterior a esse trâmite do projeto, de modo que os planos mencionados estavam ainda em debate na situação ora em foco. Assim, a conversa que embasa esta reflexão ocorreu em agosto de 2017, na sede do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), parte do GSS, e contou com a participação de quatro interlocutores centrais e de seus assessores (Quadro 1). Esse encontro foi registrado de modo legal, amador e acompanha a comitiva de Zé Celso. Posteriormente, o material foi editado e publicado pela TV Folha, sendo esse o registro que remonta o recorte escolhido e embasa a presente análise,⁸ tendo sua transcrição disponível em anexo (Anexo A).

Quadro 1 – Dados do *corpus* e perfil dos interlocutores centrais analisados

Local/Data: Sede do SBT, São Paulo / agosto de 2017
Duração da gravação: 00:09:36; **Recorte do corpus:** de 00:01:22 até 00:06:50 (Dur. do *corpus*: 328s)
Fonte: vídeo editado e publicado pela TV Folha, disponível em: <<https://youtu.be/S-k4CcFgmJo>>. Acesso em: 29/03/2021.

DADOS DOS LOCUTORES

Silvio Santos [SS]: 89 anos, nascido no Rio de Janeiro/RJ; residente em São Paulo, capital, já há mais de 70 anos, onde fundou o conglomerado Grupo Silvio Santos que inclui o canal de televisão SBT, famoso por programas de auditório que envolvem prêmios em dinheiro, e no qual Silvio é o principal apresentador. Tem ensino técnico e patrimônio avaliado em R\$ 7 bilhões.

José Celso Martinez Corrêa [ZC]: 83 anos, nascido em Araraquara/SP; residente em São Paulo, capital, desde a década de 1950, quando fundou o Teatro Oficina enquanto cursava a Faculdade de Direito da USP. É considerado um dos principais diretores, atores e dramaturgos do Brasil. Tem ensino superior incompleto.

João Dória Jr. [JD]: 62 anos, nascido em São Paulo/SP onde reside e foi eleito prefeito para o mandato de 2016-2020 pelo PSDB. Conhecido também por ser empresário e criador do Grupo Doria. Tem ensino superior completo e patrimônio avaliado em R\$ 190 milhões.

Eduardo Suplicy [ES]: 79 anos, nascido em São Paulo/SP. Economista, ex-senador, deputado e vereador eleito pelo PT-SP, onde atua desde 1978. Conhecido por envolver-se em pautas referentes à renda básica mínima e ao direito à cidade, assim como por ser da família Matarazzo. Tem ensino superior completo.

Assessor de Silvio Santos [A1]: Homem, aprox. 50 anos, sem mais dados. Talvez se chame Guilherme.

Assessora de José Celso [A2]: Mulher, aprox. 40 anos, arquiteta, sem mais dados.

Fonte: Os autores.

⁷ Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico - órgão subordinado à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo desde sua fundação, em 1968.

⁸ Considerando a grande projeção midiática dos interlocutores, decidiu-se restringir suas apresentações ao exposto no Quadro 1.

Tendo em vista a breve apresentação dos interlocutores que subsidiam nossa análise, partimos à descrição da situação de interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2019 [1930]). O tipo de enunciado concreto dessa troca comunicativa se alinha a uma reunião de conciliação de interesses, uma vez que há não apenas a declaração da vontade de se encontrar uma solução para um impasse, como também a apresentação de propostas, refutações e argumentações que sustentam e reiteram os interesses das partes envolvidas, afinal, todo enunciado, tomado em perspectiva dialógica, "reflete a situação não apenas de modo passivo [...], mas torna-se também sua *conclusão avaliativa*" (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 285, grifo do autor).

Assim, no exemplo em análise, existe constante alteração de turnos que sintetizam as posições das partes no âmbito da negociação estabelecida, demonstrando que "o grau de consciência de clareza e de constituição da vivência está proporcionalmente relacionado à orientação social do enunciado" (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 207). É perceptível, por exemplo, um caráter mais informal na construção da situação de interação, pontuado no conteúdo da fala inicial de João Dória, quando ele intervém como mediador conciliatório ("o bom humor ajuda: muito melhor uma reunião assim do que uma reunião tensa", L. 154⁹).¹⁰ A presença de entidades de representação política (como o prefeito e o vereador) remete à dimensão pública do debate, que aborda o conflito em torno da existência de uma construção tombada e, portanto, considerada patrimônio histórico e cultural. Essa camada da caracterização do *corpus* é de suma importância para análise proposta, uma vez que "o sentido de todo o enunciado cotidiano depende da situação e de como essa determina a orientação social para o ouvinte-participante" (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 286). Tais aspectos, nesse caso, também estabelecem o aspecto horizontal do debate, o qual deve considerar o bem coletivo na hora de

mediar as propostas para aquele terreno.

É esperado, então, que, na figura de Dória e Suplicy, tais intervenções não sejam isentas de suas respectivas diretrizes partidário-ideológicas ou de suas autoridades, posto que "não é possível abstrair um ser humano da sua realidade concreta" (BAKHTIN, 2010 [1920-1924], p. 127). Por outro lado, como representantes de seus concidadãos, também é esperado que tais juízos dos interlocutores, assim como outras características próprias do contexto extraverbal (tal como será analisado), não impliquem prejuízo para a horizontalidade do debate.

Outro ponto importante da caracterização desse *corpus* é o fato de o encontro não ter excessiva formalidade, parecendo se estruturar a partir da condução desenvolvida de Silvio Santos, o que poderia se relacionar com o fato de ocorrer na sede de seu empreendimento, fazendo dele uma espécie de anfitrião. Nesse sentido, também é necessário destacar que a gravação é feita alinhada à perspectiva da comitiva de Zé Celso, o que possibilita algumas leituras de partida quanto à caracterização dos pontos-de-vista envolvidos, pois o existir, no viés de Bakhtin, não é definível pelas categorias de uma consciência teórica abstrata, indiferente, não participante, mas sim apenas "pelas categorias de participação real, isto é, pelo ato, pelas categorias do efetivo experimentar operativo e participativo na singularidade concreta do mundo" (BAKHTIN, 2010 [1920-1924], p. 59). Toda essa situação (extraverbal) característica do *corpus* remonta a um choque de perspectivas que contrapõe quem sedia a reunião e quem a registra, permitindo uma chave de análise que congrega pontos de vista internos e externos à conversa, tomando "o ato – considerado não a partir apenas de seu conteúdo, mas de sua própria realização no existir utilitário e singular da vida" (BAKHTIN, 2010 [1920-1924], p. 79).

Potencialmente, o fato de a reunião ser gravada já sinalizaria desconfiança quanto à sua condução,

⁹ Toda indicação "L. Inº]" presente no texto refere-se ao número da linha em que se encontram as referidas falas dos envolvidos, que podem ser verificadas no Anexo A deste trabalho. Optamos por assinalar os números das linhas dos exemplos citados ao invés de recuperar os excertos diretamente no corpo da análise, pois isso tomaria parte significativa do espaço disponível para as reflexões propostas.

¹⁰ Aqui, parece haver corte na edição, impossibilitando saber se houve assalto ou passagem de turno.

seja pelas propostas apresentadas nela, pelo teor da conversa ou, ainda, pela suspeita de comprometimento da horizontalidade nas relações entre os interlocutores etc. Tal procedimento também poderia ser encarado como algo de praxe por se tratar de um assunto de interesse público e que, logo, deveria ter porções significativas de transparência. Tanto é que o material da gravação não apenas é publicado em redes sociais virtuais, como também é divulgado por veículo da imprensa (TV Folha, braço audiovisual virtual da Folha de São Paulo). Por certo, esse componente do *corpus* levanta questionamentos quanto aos aspectos que compõem a situação em que a conversa ocorre, a começar pelo ambiente: por que ela se dá em sede da empresa (que responde pela camada privada do entrave) e não em outro local – como o próprio Teatro Oficina (tombado, que está no terreno particular do GSS, mas que é gerido pela esfera pública) ou a Prefeitura, que se coloca na posição de mediar o encontro da solução para o presente conflito?: de que forma essa decisão pode haver interferido nas interações ocorridas e, principalmente, na horizontalidade do debate conciliatório?

Considerando o exposto, este *corpus*, então, mostrou-se relevante não apenas por evidenciar fenômenos conversacionais e a orientação social do discurso presente nos enunciados, como também por se tratar de uma situação em que as qualidades esperadas de um diálogo entre pares fossem convocadas, tais quais a horizontalidade e mediação simétrica das figuras políticas envolvidas. São estes os critérios que orientaram o recorte de tempo proposto nesta análise.

Quanto ao auditório social, parece haver divisões devido à posição profissional¹¹ e ao alinhamento de perspectiva, este irrestrito às comitivas. Isso interfere na orientação social dos enunciados, seja em tons e enunciações – sempre cordiais e sem elevações de voz por parte do prefeito – ou na gestão de turnos – os de Dória, por exemplo, são mais respeitados que os dos demais. Silvio

Santos demonstra alinhamento com o prefeito, ambos usam os mesmos argumentos (finanças), enquanto Zé Celso, apoiado por Suplicy, quer foco nos projetos concretos para o terreno, mas é bastante interrompido ou ignorado.

Apesar disso, talvez pelas idades avançadas,¹² Zé Celso e Silvio Santos protagonizam a conversa, dominada por este, que se coloca à vontade – exceto quando se dirige ao prefeito, com quem é cordial, mas não submisso, e rebaixa o tom (L. 1) – e faz uso de expressões coloquiais (“pô”, L. 103), gestos e feições irreverentes (braços cruzados, toques, franzidas de testa...), além de risadas e tons de deboche (L. 31-43; “terreninho”, L. 59), para citar apenas alguns exemplos.

Zé Celso, por sua vez, aparenta mais consistência nos tratamentos, respondendo a todos com praticamente os mesmos tons e formalidade (média). Destacam-se suas elevações de voz (que também têm propósitos conversacionais), p. ex.: quando ele adula Silvio Santos (“você é um homem [...] super generoso”, L. 138), quando pede calma (L. 77), e quando enfatiza termos com os quais ele crê que Silvio Santos possa se identificar (“lugares marcados”, “shows” etc., L. 174-178) e, assim, endossar sua proposta.

Considerando os elementos extraverbais descritos e, como possível chave de análise, o contraste explicitado entre a sede em que a conversa ocorre e a perspectiva sob a qual o registro dela é feito, percebe-se que a interação estabelecida entre Silvio Santos e Zé Celso adquire aspectos conflituos, que se mostram, especialmente, no monopólio do turno conversacional por Silvio Santos e nas tentativas de Zé Celso para o sustentar. Após a introdução feita por aquele, vê-se repetidamente a tentativa deste de tomar o turno (L. 1-20). Não somente Zé Celso, mas também o assessor de Silvio Santos, que considera assaltar o turno, após o apresentador “patinar” em repetições que não concluem a frase em clara tentativa de sustentar o turno, e especialmente quando Silvio Santos lhe indaga o nome da

¹¹ Os principais locutores têm cargos diretivos e executivos, com Dória sendo considerado o topo da hierarquia.

¹² Mas não somente, pois, se assim fosse, Eduardo Suplicy teria tido mais protagonismo do que o registrado.

região da Cracolândia,¹³ demonstrando clara passagem de turno através da entoação interrogativa e da pergunta direta (L. 33-46). Contudo, em todas essas ocasiões, há sobreposição de vozes entre Silvio Santos e os demais (além de enunciados concomitantes, como se competissem para terminar frases), preenchidas por riso, repetições – características do locutor, mas que dão significado à dinâmica conversacional (ver por exemplo L. 27-28, 33-35 e 39-46).

Algo parecido ocorre em outro trecho (L. 101-145), quando Silvio Santos indaga Zé Celso sobre quem lhe daria aquele terreno, mas não deixa tempo para que seu interlocutor responda, fornecendo ele próprio a resposta (“ninguém vai dar”, L. 102). Ao ser indagado novamente de maneira mais enfática, com voz elevada, Zé Celso também eleva sua voz e tenta tomar o turno. Entre as linhas 107 e 119, a interação se dá com sobreposição de fala, risadas por parte de Silvio Santos e elevação de voz de Zé Celso, recurso de sustentação de turno já empregado antes com certo êxito para o ator (L. 1-20). Esses exemplos nos permitem ratificar a afirmação de Volóchinov ([1930] 2019, p. 287) sobre a importância da entoação como elemento de análise e compreensão do enunciado, tendo em vista que “a relação do enunciado com sua situação e seu auditório é criada, primeiramente, pela entoação”.

Entre as linhas 119 e 146, Zé Celso detém a maior parte do turno, que mantém sem dificuldade até a linha 126, para logo recorrer à elevação de voz, a alongamentos e a gesticulações amplas a fim de sustentá-lo, recursos característicos dessa estratégia de manutenção do turno de fala, tal como apontados por Galembeck (2003). Nesse ínterim, Silvio Santos assume tom de

descrença em relação à fala de Zé Celso, rindo e chamando-o pejorativamente de “sonhador” em falas sobrepostas, ou seja, a situação e o auditório determinam não só a entoação como também a escolha das palavras, uma vez que “a entoação é o condutor mais flexível e sensível daquelas relações sociais existentes entre os falantes em uma dada situação” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 287). A partir da linha 131, Zé Celso rebate Silvio Santos, em tentativa de sustentar o turno com elevação de voz, porém este sofre assalto, violando-se o princípio básico da conversação, mantendo-se mais uma vez período de sobreposição de vozes em disputa pela palavra (L. 138-145). Situação semelhante ocorre de novo, em seguida (L. 186-199).

Silvio Santos parece interpretar um LRT nas linhas 153-160, iniciando um turno nuclear, porém também João Dória tenta retomar seu turno logo em seguida, ainda que timidamente. Em sua fala, Silvio Santos expõe a demora na reunião para alcançar uma solução, o que parece contradizer a dinâmica de toda a conversa, na qual seu turno predominou, contribuindo para impedir a participação de outras partes na construção da almejada solução.

Essa leitura ganha ainda mais força ao se comparar os dados da minutagem de turno de fala no trecho transcrito. Nas Tabelas 1 e 2, é possível ver a distribuição do tempo que cada interlocutor falou em turno respeitado pelos demais (células pintadas) e em turnos sobrepostos (células brancas), os quais sinalizam disputa pela palavra. Já na Tabela 3, são observadas as relações entre tais valores, assim como suas porcentagens sobre o tempo de conversa do trecho analisado (*corpus*).

¹³ Termo frequentemente atribuído ao conjunto de pessoas que compreende usuários e dependentes de drogas (principalmente o *crack*), cuja grande maioria está em situação de rua, e que é associado a setores da região central da capital paulista. Sua presença tem sido frequente em debates sociais, urbanos, de saúde e políticos do município há diversos anos.

TABELA 1 – Total de segundos com turnos individuais e sobrepostos entre interlocutores no trecho

	S. Santos	J. Celso	J. Dória	E. Suplicy	A1 (SS)	A2 (ZC)
Silvio Santos	109 s					
José Celso	63 s	85 s				
João Dória	1 s	8 s	27 s			
E. Suplicy	-	1 s	-	1 s		
A1 (SS)	7 s	-	-	-	1 s	
A2 (ZC)	-	2 s	-	-	-	4 s

Fonte: Os autores.

TABELA 2 – Soma dos segundos com turnos respeitado e disputado entre interlocutores

	S. Santos	J. Celso	J. Dória	E. Suplicy	A1 (SS)	A2 (ZC)
Tempo de turno respeitado ^I	109	85	27	1	1	4
Tempo com disputa de turno ^{II}	71	74	9	1	7	2
Tempo total individual ^{III}	180	159	36	2	8	6

^I Valores das células pintadas na Tabela 1.

^{II} Soma dos valores das células em branco na Tabela 1 referentes a cada interlocutor, representando o tempo em que o interlocutor daquela coluna/linha teve seu turno sobreposto ao de outro interlocutor.

^{III} Resultado da soma das duas linhas acima, representando o tempo total de turno (soma do individual respeitado + sobreposto).

Fonte: Os autores.

TABELA 3 – Relações entre tempos de turnos e o total de cada interlocutor e do *corpus*

	S. Santos	J. Celso	J. Dória	E. Suplicy	A1 (SS)	A2 (ZC)
Respeitado/total individual ^{IV}	60,5%	53,4%	75%	50%	12,5%	66,6%
Disputado/total individual ^V	39,5%	46,6%	25%	50%	87,5%	33,3%
Total individual/ <i>corpus</i> ^{VI}	54,8%	48%	10%	0,6%	2%	1,8%
Total respeitado/ <i>corpus</i> ^{VII}	33,2%	25,5%	8%	0,3%	0,3%	1,2%
Total disputado/ <i>corpus</i> ^{VIII}	21,6%	22,5%	2%	0,3%	1,7%	0,6%

^{IV} Relação entre o total de segundos em que aquele interlocutor teve seu turno respeitado sobre o total de segundos em que falou (turno respeitado + sobreposto). Ex.: S. Santos falou por 180 segundos; destes, 109 foram em turno individual respeitado pelos demais. A relação 109/180 representa que 60,5% do tempo em que ele falou foram respeitados.

^V Relação entre o total de segundos em que aquele interlocutor sofreu sobreposição em seu turno sobre o total de segundos em que falou (turno respeitado + sobreposto). Ex.: S. Santos falou por 180 segundos; destes, 71 foram com sobreposição de turno. A relação 71/180 representa que 39,5% do tempo em que ele falou foram disputados.

^{VI} Relação entre o total de segundos em que aquele interlocutor falou (turno respeitado + sobreposto) sobre o tempo total do *corpus* (328 segundos). Ex.: S. Santos falou por 180 segundos; a relação 180/328 representa que este interlocutor falou em 54,8% do tempo do *corpus*.

^{VII} Relação entre o total de segundos em que aquele interlocutor teve seu turno respeitado sobre o tempo total do *corpus* (328 segundos). Ex.: S. Santos teve seu turno individual respeitado pelos demais por 109 segundos; a relação 109/328 representa que 33,2% do tempo do *corpus* foram preenchidos pelo turno individual respeitado de S. Santos.

^{VIII} Relação entre o total de segundos em que aquele interlocutor sofreu sobreposição em seu turno sobre o tempo total do *corpus* (328 segundos). Ex.: S. Santos teve seu turno sobreposto por 71 segundos; a relação 71/328 representa que este interlocutor disputou turno em 21,6% do tempo do *corpus*.

Fonte: Os autores.

Na Tabela 3, pode-se ver que 33,2% do tempo de conversa é preenchido unicamente por Silvio Santos, que sobrepõe voz e disputa o turno em outros 21,6% – falando, pois, em mais da metade do tempo do *corpus* (54,8%). Zé Celso, por sua vez, parece disputar quase o mesmo tanto (22,5%), número também semelhante ao de respeito a seu turno (25,5%), falando em 48% da conversa. Apesar de preencher apenas 10% do tempo de fala, João Dória é quem tem o turno mais respeitado proporcionalmente: ele fala sozinho em 75% de seus turnos, o que, lido à luz das hipóteses propostas aqui, apontam relevância de aspectos extraverbais, como a questão da hierarquia social, sobre distribuição de turnos, uma vez que ele era o Prefeito da cidade na época em que essa conversa ocorreu.

Também é digna de nota a relação inversa entre os dados de turno respeitado e disputado quando analisados os tempos dos assessores. Ainda que a amostragem de suas contribuições seja reduzida, é visível que o assessor (A1) de Silvio Santos tem seu turno pouco respeitado (12,5%), sendo sobreposto por Silvio Santos (seu superior) em 87,5% de seu tempo de fala. No caso da assessora (A2) de Zé Celso, observa-se o contrário: enquanto dois terços de seu turno conversacional são respeitados, 33,3% são disputados com o seu superior.

Outro dado a ser pontuado é o fato de que as disputas de turnos dos assessores se dão com seus respectivos superiores. Tais relações sugerem micro-hierarquias dentro das próprias comitivas como componentes da estrutura de turnos conversacionais no desenvolvimento dos tópicos. As balizas de tais hierarquias parecem, todavia, distintas, uma vez que Silvio Santos atropela o turno de seu assessor, enquanto Zé Celso mais ouve que disputa o turno de sua assessora. Entretanto, as razões para comportamentos tão diferentes são potencialmente explicadas pelas relações sociais presentes nos meios de cada interlocutor: Silvio Santos, de um lado, é um homem de negócios, lida com dinheiro, empreendimentos imobiliários e uma estrutura hierárquica bem rígida; Zé Celso, por

outro lado, insere-se no contexto da comunidade artística teatral, na qual, ainda que possa haver clara hierarquia no âmbito profissional, os laços sociais costumam ser mais horizontais.

Outro possível aspecto que explique essa diferença estaria na efetiva contribuição profissional da assessora de Zé Celso ao debate (ela está expondo o projeto arquitetônico), em contraste à intervenção jocosa do assessor de Silvio Santos, que fortalece digressões ao invés de auxiliar na construção da solução tema do debate.

Ao reunir tais observações, suscitam-nos o estabelecimento de mais conexões. As demonstrações de que Silvio Santos detém mais tempo de fala na conversa encontra apoio na situação comunicativa, em que ele parece se reconhecer como anfitrião e, logo, condutor da conversa. Contudo, ele também procura assaltar e desrespeitar turnos alheios, evita consentir passagens, resiste às tentativas de assalto, interpreta LRTs onde não há e preenche silêncios, quando não recorre ao deboche e à risada, especialmente em direção a Zé Celso. A exceção desse tratamento se dá em relação a Dória, em quem encontra uma perspectiva aliada, e Suplicy¹⁴ – ambos do universo político e de negócios, com o qual Silvio Santos parece se identificar.

Zé Celso, por sua vez, demonstra mais tentativas de sustentação de turno, valendo-se especialmente de elevação de voz, alongamentos e gestualidades. Isso poderia ser explicado pela hipótese de ele não ignorar a situação e o auditório estabelecidos, que implicam a percepção de seus interlocutores sobre sua suposta incapacidade e impertinência de participar nas decisões sobre aqueles assuntos, uma vez que não detém a posse do terreno, do teatro ou recursos para tal. Ao ter consciência disso, Zé Celso, desde o início (L. 1-20), procura defender e até forçar seus turnos conversacionais para além do turno inserido.

Nesse sentido, a própria natureza do material que embasa o *corpus* de análise é relevante quando confrontada com a situação da conversa. A gravação é realizada pela equipe de Zé Celso

¹⁴ Apesar de haver pouca participação dele no trecho transcrito, é possível ver que Santos respeita uma das únicas contribuições efetivas de Suplicy ao tópico.

que, ao que parece, havia previsto a possibilidade de situações conflituosas. Isso poderia reforçar a narrativa em defesa do ator e de sua perspectiva em uma edição futura que enfatizasse desigualdades na discussão – como, por exemplo, o retrato de Silvio Santos como alguém que não deixa Zé Celso falar, não escuta e desrespeita seus argumentos.

Considerações finais-

Neste trabalho, ao analisarmos uma conversa ocorrida no ano de 2017 entre o empresário Silvio Santos e o renomado ator e diretor teatral Zé Celso, ambos acompanhados de suas respectivas comitivas, consideramos os enunciados trocados por esses interlocutores a partir de pressupostos advindos de escritos de Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, bem como dos pesquisadores do projeto NURC que tratam da análise de textos orais. O diálogo entre as perspectivas mencionadas nos possibilitou tratar dos elementos verbais e extraverbais que emergiram na situação discursiva analisada, demonstrando o embate de valores e a (in)tensa construção dos sentidos a partir do lugar de fala ocupado por cada um dos participantes da conversa.

Tal como revelou a análise do *corpus*, isso foi muito importante para que pudéssemos compreender, por exemplo, a tensão discursiva instaurada entre as palavras, de um lado, proferidas por Silvio Santos e por João Dória e, de outro, por Zé Celso, o que nos permitiu demonstrar que “A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica” (BAKHTIN, 2015 [1963], p. 232).

Os interlocutores em questão defendiam suas diferentes visões de mundo para o mesmo tópico discursivo. Assim, enquanto Silvio Santos ocupava esse lugar de defensor da propriedade privada, destacando que ele pagou pelo terreno em debate e que, para ele, a propriedade é de quem paga por ela, vimos também essa mesma perspectiva em defesa da propriedade privada através do dinheiro nas escolhas linguísticas de João Dória. Ambos,

Santos e Dória, fizeram referências a dinheiro e a gastos (“não foi de graça”; “esse dinheiro”; “homem rico”; “não é justo alguém pagar por um terreno e não poder ficar com ele”; “isso tem um custo”¹⁵), tal como demonstram a sua ênfase nos pronomes possessivos (L. 103), a expressão de desprezo em relação a Zé Celso, sugerindo, inclusive, que ele não é merecedor nem de um terreno menor (“terreninho”, L. 59). Para Santos e Dória, portanto, Zé Celso não dispõe de recursos financeiros e está pedindo, inadequadamente, algo pelo qual não pode pagar.

Desse modo, a análise que apresentamos nesta reflexão buscou estabelecer relações entre orientação social dos enunciados e dos turnos conversacionais a partir de uma reunião sobre planos para o terreno onde hoje está situado o Teatro Oficina. Nas reflexões apresentadas, vimos que a situação e auditório que orientam os enunciados podem reverberar em durações e dinâmicas de turnos de fala, de modo que as relações estabelecidas entre esses elementos oferecem pistas para aferir a presença de horizontalidade no discurso.

No caso do *corpus*, a informalidade e aparente cordialidade da reunião em prol de uma decisão sobre a qual todos ali teriam voz, sugerindo um espaço entre pares, são confrontadas com o monopólio dos turnos de fala e as disputas que deveriam ser mediadas, mas não o são – pelo contrário, os mediadores conciliatórios também se percebem desiguais hierarquicamente, o que parece favorecer um dos lados argumentativos. Acreditamos que esse aspecto pode ser melhor investigado, em futura reflexão, a partir da análise sobre os tópicos discursivos desenvolvidos na conversa. A comunicação encontrada parece, então, prestigiar os turnos de fala a partir de um aspecto extraverbal – de cunho essencialmente socioeconômico – que atravessa a questão/tema central do encontro e que poderia se resumir em: *fala quem tem dinheiro, deve aceitar quem não o tem*.¹⁶

Outro ponto que poderá ser desmembrado em trabalhos futuros, a partir dessas considerações, diz respeito à investigação dos tópicos conversacionais em análise, uma vez que poder-se-iam investigar

¹⁵ Conforme, por exemplo, L. 1-20; 140-145; 182-187; 200-201; 205 do Anexo A.

¹⁶ “Deve”, pois Zé Celso, ciente dessa dinâmica velada, resiste e tenta defender seus turnos e sua perspectiva.

também como o retorno à pergunta inicial por parte de Silvio Santos: “O que você vai fazer com o terreno?” (ênfaticada pela edição) contribui para invalidar o tímido progresso da reunião e impedir a evolução de argumentos da perspectiva contrária, o que parece referendado pela mediação supostamente conciliatória de Dória.

Em síntese, defendemos que, se considerássemos somente as palavras pronunciadas por esses interactantes do diálogo, não seria possível tratarmos da devida importância do espaço extraverbal que cada um deles ocupa em nossa sociedade, pois não são palavras advindas de quaisquer sujeitos que estão em foco, mas sim enunciados proferidos por pessoas que representam o poder (financeiro e político) em contraposição ao destaque do papel social que deve ser exercido por aquele terreno (sob o olhar de Zé Celso). É de suas posições extraverbais que cada um dos locutores valoriza os tópicos discursivos, ou seja, suas palavras (e ações) se dão a partir das posições que ocupam em nossa sociedade. Tal compreensão nos é permitida porque consideramos que toda palavra é “[...] o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao ‘um’ em relação ao ‘outro’” (VOLÓCHINOV, 2018 [1929], p. 205, grifo do autor).

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável* [1920-1924]. Tradução de Valdemir Miotello, Carlos A. Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso* [1952-1953]. Organização, posfácio, tradução e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. O discurso em Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski* [1963]. Tradução de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015. p. 207-292.
- BAKHTIN, Mikhail. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 337-358.
- BARBOSA, Vanessa Fonseca; DI FANTI, Maria da Glória Correa. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. In: ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno; ARANTES, Poliana; PESSÔA, Morgana (org.). *Pesquisar com gêneros discursivos: Interpelando gênero e política*. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020. p. 185-200. Disponível em: <https://www.editoracartolina.com.br/em-discurso-04>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.
- FÁVERO, Leonor Lopes. O tópico discursivo. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003. p. 39-63.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso. O turno conversacional. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003. p. 65-92.
- MEDVIÉDEV, Pavel Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários* [1928]. Introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.
- VOLÓCHINOV, Valentin. A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* [1929]. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34. 2018. p. 91-102.
- VOLÓCHINOV, Valentin. A interação discursiva. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* [1929]. Tradução, notas e glossário Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34. 2018. p. 201-225.
- VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado [1930]. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo, Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34. 2019. p. 266-305.
- ‘VOU transferir a cracolândia pra lá’, diz Silvio Santos a Zé Celso sobre Teatro Oficina. São Paulo: *TV FOLHA*, 2017. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S-k4CcFgmJo>. Acesso em: 29 mar. 2021.

Paulo V. F. de B. M. Delgado

Mestrando em Artes (PPGAV/ECA) pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil; licenciado em Artes Visuais pela mesma instituição; graduando em Letras Inglês-Português (FFLCH) pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil.-

Vanessa Fonseca Barbosa

Pós-doutoranda no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da FFLCH, na Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil, com bolsa CAPES. Membro dos Grupos de Pesquisa *Diálogo* (USP/CNPq) e *GenTe – Tessitura: Vozes em (Dis)curso* (PUCRS/CNPq), em São Paulo, SP, Brasil.

Yuri Andrei Batista Santos

Mestre em Letras - Estudos em linguagem pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus, BA, Brasil. Doutorando em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil e em Sciences du Langage pela Université de Paris (UP), em Paris, Île-de-France, França.

Endereços para correspondência**Paulo V. F. de B. M. Delgado/ Vanessa Fonseca Barbosa**

Universidade de São Paulo

Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, Prédio de Letras, 2º Andar, Sala 4

Cidade Universitária, Butantã, 05508-010

São Paulo, SP, Brasil

Yuri Andrei Batista Santos

Laboratoire EDA

Université Paris Descartes

Faculté des Sciences Humaines et Sociales – Sorbonne

45 rue des Saints Pères, 75006

Paris, França

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.

Anexos

Anexo A – Transcrição do excerto de conversação analisado

Linha	Loc.	Transcrição
1	SS	prefeito... o que nós estamos reunidos aqui... é que nós queremos encontrar uma solução para que o o Zé... o Zé Celso fique contente com o Teatro Oficina... e para que eu possa fazer alguma coisa com aquele terreno que: não foi de graça pra mim foi... eu tive que:... ti/ () que pagar cada um deles que saiu de lá... e hoje esse dinheiro embora e/ eu sendo um homem rico evidentemente mas ele... não é um dinheiro pra mim jogar fora né? nem pra dá
	ZC	[mas você não iria jogar fora...
10	SS	[nem pra dá de auxílio a quem quer que seja então... vamo
	ZC	[não você não iria NUNca jogar fora ...
15	SS	não eu digo mas então nós nós preci/ nós precisamos descer pro () Zé Celso
	ZC	[não... a gente... vo/ você propôs ... você propôs a tro:ca... por um terreno do mesmo valor
	SS	[não eu não propus () propor não importa ...
20	ZC	não você propôs ()
	SS	[não... no que que importa? tá bom... () o... o: problema é o seguinte... o problema Zé Celso é que... nós precisamos resolVER o caso do terreno quer dizer... se ele não for mais meu aliás... hoje se você me... mandar eu construir alguma coisa no terreno... não é... com a mesma facilidade que eu poderia ter construído há há anos atrás... o que nós precisamos é só resolVER o que vai fazer com aquele terreno quer dizer... o da o o o é o o cels o o meu se/ o meu secretário o meu sobrinho o o...
25	A1	Guilherme
30	SS	[oi... ele deu uma boa ideia...
	ZC	ahn
	SS	a gente coloca lá a... Drogalândia? Como é que é o o... ((risos))
	A1	Cracolândia...
35	SS	a Cracolândia
	A1	[pra ajudar:... o... o prefeito...
	SS	[e o e o dro/
40	A1	[a gente coloca...
	SS	[e o drogado que mais se destacar no dia ganha um prêmio ((risos))
45	A1	[a gente cede a área pra: pra: ... cracolândia ((risos))
	ZC	((risos)) mas se você/ era importan:te vocês conhecerem o nosso projeto... pra lá... e a partir dele... (nós ahn/) a gente chegar a discussões
	SS	cê acha que alguém: vai dá pra você?
50	ZC	não vai dá pra mim... [

- SS o terreno
- ZC eu não to pedindo nada
- 55 SS mas você acha que alguém vai dá? não vai... então... como...
[
- ZC não eu sei que vai que/ () a
situação [
- SS eu sei mas
como ninguém vai dá pra você um terreno – nem um terreNinho... tem que decidir
- 60 ... o que que vai fazer com aquele terreno quer dizer ... vai deixar como tá?
[
- ZC não ()
- SS o que que você vai fazer com o terreno?
- ZC na/ o que nós vamos fazer?
- 65 [
- SS porque você/ aí você vai dar um ()
[
- A2 o Anhangabaú virou um estádio ((risos))
[
- 70 SS se o terreno fosse teu o que que você ia
fazer?
- ZC Anhangaba/ A:nhanGA: ... AnhaGAbáU ... esperava de você... da feliz: ... cida:de
[
- SS mas o
que que você vai fazer lá?
- 75 [
- ZC ela vai diZER... calma... você tá muito ansioso
[
- A2 ele vai ser um espaço público Silvio ... a ideia é que isso seja um
- 80 GRANde parque público... no meio de São Paulo
- SS não seja sonhador ... ninguém vai te dar isso aqui de graça ...
[
- ZC mas eu sou sonha/ não não não é
de gra:ça [
- 85 SS não tem ... não
adian:ta ... () vai ficar sonhan:do ... alguém sabe aqui se alguém vai ... vai dar a
você ou:... o/ não é porque o terreno é meu não ...
[
- ZC não é a mim ...
[
- 90 SS porque não... é é é isso é é esse
terreno ... [
- ZC é à
prefeitura [
- 95 SS esse terreno tá tão difícil de mim... que hoje hoje eu não teria nem interesse
em construir... () po/ posso construir mas não teria
[
- ZC (nem eu)
[
- 100 SS ... como eu tinha antes ... mas
quem que vai dar isso pra você? ninguém vai dar nem prefeitura nem governo
ninguém vai dá não sonha pô (...) a única coisa TUa aqui – e assim mesmo não
sei se é TEU – é o teatro
- 105 ZC NÃO ... não é meu ()
[
- SS então de quem é o teatro ?
- ZC é ... é do estado de São Paulo ...
[
- 110 SS ((risos))
[

- ZC ... que: gere MUIto MAL ... e está sob nossa
inTElra responsabilidade
- 115 SS [((risos)) então nem o teatro é teu ?
ZC não não é
SS [nem o teatro é
ZC na minha realidade ... () eu não quero construir nada lá ... eu quero botar TENDa
120 ...pra show pra circo pra fazer teatro na tenda ... porque ... é o último vazio de São
Paulo ... aquele lugar é ma-ra-vi-LHO-so
SS vai colocar tenda?
ZC tendas
ES tenda e árvore ((risos))
125 [ZC circos ... eh ... fazer espetáculos de circo ... (estudo)
SS [(não sonha) Celso ... tá bom ... tá
130 ZC bom:: Celso ... tá bom: pode sonhar: ... não é proibido sonhar: vai ... [() não
é a toa que ... essa cidade está ... não não ... não aguenta mais torre ... isso não é
sonhar: ... São Paulo vai se enfarTAR de tanto cabo e tanta torre ... tem que ter
uma transformação cara
135 SS [... tá bom ((risos))
A1 você levou o nosso ... você ((risos))
ZC [você é um homem SUper rico ... super generoso ... está na hora de você ()
140 SS [fazer o quê ? ... eu tenho ... eu tenho culpa de
ser rico ? eu dei sorte e daí ? ... você não deu aí ...
ZC [ENTÃO:: ...
145 SS [... problema teu ((risos))
ZC não mas não é isso ... não ... quem tem tem que DAR cara ... tem que dar:
SS [ah: você não teve
sorte ... problema teu ...
150 JD eu estou adorando isso aqui mas eu sei que ...
ZC [está
JD ... eu sei que aMOres à parte ... vamos tentar encontrar: ... um bom caminho ... o:
o ... o bom humor ajuda: muito melhor uma reunião assim do que uma reunião
155 tensa
SS vocês ficam conversando aí ... () pra mim olha ... posso ficar até as dez horas da
noite aqui agora ... o prefeito vai ser cobrado
JD [é mas não/
160 SS () que que ele foi fazer lá () três horas decidindo
ZC [não mas o prefeito está sendo cobrado pra fazer uma coisa desse tipo pra
cidade ... a cidade quer que ele faça ... mais do que ficar simplesmente vendendo
a cidade
165 SS tá bom ... o terreno é teu ... você vai fazer o que com/
ZC [não é MEU:
SS mas que que você vai fazer no terreno ? ... sem dinheiro ?
ES a prefeitura fará
170 SS ah ... a prefeitura/
[

- ZC não não é a prefeitura não ... é tudo fa/ é tudo como nós fazemos
cara... inclusive vai ter/ vai ser uma coisa tão importante pra cidade ... que vai/
você vai poder fazer SHOWS de música pra milha:res de pessoas
- 175 [SS mas como ? mas ali vai ser um
teatro ?
- ZC não vai ser TENDa ... tendas/ você/ com: lugares aBERtos marCADos ... porque é
besteira construir mais cimento nessa cidade
- 180 SS colocar tenda ?
- ZC show de roque ... show de SAMba
- SS (...) mesmo que você queira me dar o terreno que ah – esse aí não sei quanto é
que tá custando – custe o dobro desse ... não é esse o objetivo nosso ... nós que/
nós queremos saber o que vai fazer com o terreno não é JUSTo alguém pagar por
185 um terreno e não poder ficar com ele ... MESmo que não seja pra fazer nada ...
qual/ isso aqui é uma democracia ou que que é ? ou é um regime eh: ahn:
totalitário ? [não não é uma
- ZC democracia
- 190 [SS ah não é possí/ ah não é?
[
- ZC ... porque: ... ah não não é ... infelizmente não é ... teve um
golpe de esta:do [então tá bom então
- 195 SS vou começar/
ZC ... não é uma democracia ... não pode ser
[
- SS ... ah como que não é uma democracia ?
- 200 JD José Celso ah... quem paga a implantação ? vamos que: você pudesse ter o
terreno ... quem pagará a implantação ? isso tem um custo
- ZC não/ eu estou/ ah isso TUDO esse: esse esse essa ligação:... entre um: parque e
outro ... isso é a prefeiTura você tem talento pra fazer isso
[
- 205 JD a prefeitura não tem dinheiro pra isso
- ZC você não TEM mas você tem seus amigos que TEM ...
[
- JD ... é ... é ... mas é ...
[
- 210 ZC ... que investem nisso
- JD eu tenho muita preocupação em preservar o teatro ... porque ele é um valor real ...
e ele está funcionando ... portanto ... esse é um ponto um ... preservá-lo para que
ele continue funcionando por muitos e muitos anos ... onde está e não seja
cercado por um terreno ... baldio ...
- 215 ZC ... não pode ter torre ali
- JD mas o:...
- [
- ZC porque: () ...
[
- 220 JD eh: ... me ouve ... relax ... relax ... relax ... ((risos))
[
- ZC eu estou ouvindo... eu estou ouvindo... relax ... ó ((risos)) ...